

Audiência pública da
Comissão de Ciência, Tecnologia,
Inovação, Comunicação e
Informática do Senado Federal

**“FORMAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS
PARA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E
INOVAÇÃO, COM ESPECIAL ENFOQUE
PARA O PROGRAMA CIÊNCIA SEM
FRONTEIRAS”**

25 de agosto de 2015

Márcio Venício Barbosa

Secretário de Relações Internacionais da UFRN

Diretor do Conselho de Gestores de Relações
Internacionais das IFES

(67 Instituições Federais de Ensino Superior)

1. A internacionalização nas IFES antes do CsF
2. O lançamento do CsF e os problemas enfrentados para sua implantação nas IFES
3. A continuação necessária e as modificações sugeridas pelas IFES

1. Antes do CsF

A cooperação internacional nas IFES acontecia sobretudo através de

- acordos bilaterais das universidades com IES estrangeiras ;
- acordos bilaterais da CAPES com diversos países;
- participação de professores em grupos de pesquisa estrangeiros;
- programas mantidos pelo MEC, como o PEC-G e os projetos desenvolvidos no âmbito do MERCOSUL.

1. Antes do CsF

A internacionalização sempre se deu em níveis diferentes nas várias IFES e, antes do CsF, havia várias IFES que sequer mantinham uma área de Relações Internacionais.

A predominância da cooperação em pesquisa nos projetos internacionais fazia com que muitas IFES, com pesquisa e pós-graduação ainda incipientes, não buscassem parceiros estrangeiros.

2. O lançamento do CsF

- Introduziu repentinamente o tema da internacionalização em TODAS as IFES;
- Exigiu de todas uma adequação de suas estruturas organizacionais para responder a uma atividade nova e com grande volume de trabalho;
- Apresentou uma série de questões de ordem operacional que exigiram esforço *também* das IFES.

- Dificuldade de comunicação com a CAPES e o CNPq;
- Falta de comunicação com as IES estrangeiras;
- No início, modelos distintos propostos pelas duas agências;
- CsF em concorrência com as as práticas anteriores, nas parcerias e nas candidaturas dos alunos;
- Proficiência deficitária dos alunos em línguas estrangeiras (cursos e exames).

Ao longo dos quatro anos de CsF

- As IFES aprenderam a coordenar localmente o programa, de acordo com suas características: há IFES que enviaram milhares de alunos e outras que enviaram pouco mais de uma dezena, mas todas têm seus critérios próprios para seleção dos candidatos (rendimento acadêmico, índice de reprovações) e de reconhecimento das disciplinas cursadas no exterior (coordenações de curso).

Ao longo dos quatro anos de CsF

- As áreas de RI se estruturaram, ainda que minimamente: apoio de organismos como CGRIFES, ABRUEM, FAUBAI e outros;
- Houve o lançamento do IsF pelo MEC, que procura desenvolver o aprendizado de línguas estrangeiras nas IFES, ampliando o público-alvo também para os servidores.

3. A continuação

- O CsF não agiu diretamente para a internacionalização ATIVA das IES, uma vez que enviamos alunos em larga escala e recebemos poucos jovens doutores e pesquisadores sêniores, entretanto, contribuiu enormemente para que se criasse uma cultura de internacionalização e intensificou o diálogo das IFES com os diferentes atores desse processo.

3. A continuação

- No contexto de crise que vivemos, as IFES têm muito a colaborar com a gestão do programa, atuando localmente e reduzindo custos operacionais para as agências;
- Precisamos instaurar um mecanismo de avaliação mais eficiente e feita em nível nacional, considerando os objetivos do CsF;
- Precisamos intensificar a relação das IES brasileiras com as parceiras estrangeiras.

3. A continuação

- Mesmo com todos os problemas que apresentou nessa primeira fase, o CsF deixa um saldo extremamente positivo.
- O Brasil ganhou visibilidade no cenário internacional da Educação Superior.
- As IFES estão prontas a contribuir de forma mais atuante com o programa e prontas a participar dos debates em torno das regras para uma nova fase.